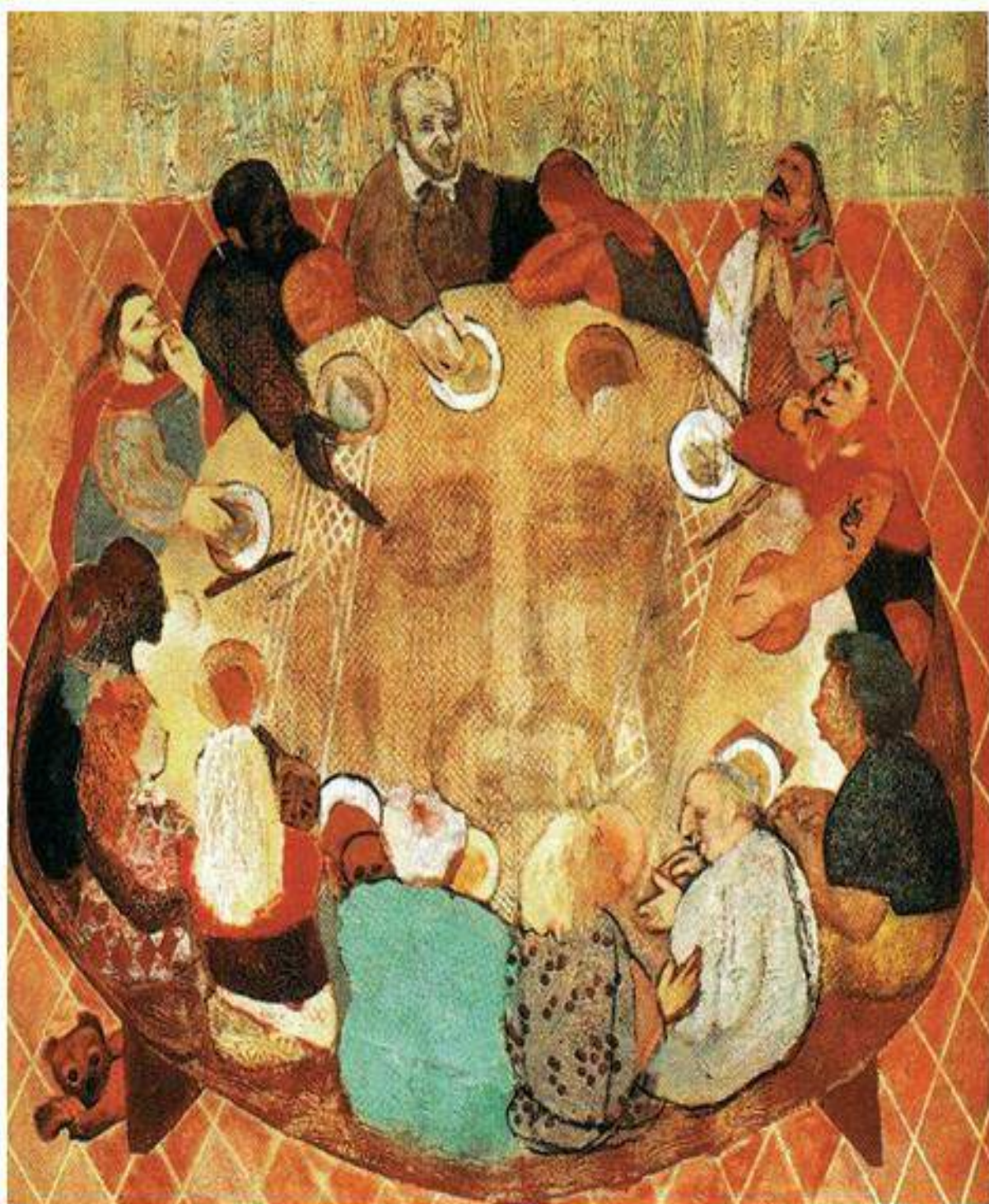


São Vicente

Ano XLVIII – N. 299 – Abril-Junho 2014

Informativo

Província Brasileira da Congregação da Missão



"Se tivéssemos um pouco desse amor (o de Jesus Cristo), ficaríamos de braços cruzados? Deixaríamos morrer a todos aqueles que podemos ajudar? Não, a caridade não pode permanecer ociosa, ela nos impele à salvação e ao consolo do próximo." (SVP XI, 555)

INFORMATIVO SÃO VICENTE

Boletim de circulação interna da
Província Brasileira da Congregação da Missão

Ano XLVIII - Nº 299

Abril-Junho 2014

Rua Cosme Velho, 241

22241-125 Rio de Janeiro - RJ

Telefone: (21) 3235 2900

Fax: (21) 2556 1055

E-mail:

informativosv@gmail.com

pbcm@pbcm.com.br

www.pbcm.com.br

Equipe responsável pelo Informativo São Vicente

- **Diác. Denilson Matias da Silva**

- **Pe. Paulo Eustáquio Venuto**

Revisão

- **Pe. Paulo Eustáquio Venuto**

Formatação e Impressão:

- **Cristina Vellaco**

- **Equipe de Mecanografia do Colégio São Vicente de Paulo**

Sejamos misericordiosos e exerçamos a misericórdia por todos!

“Felizes os misericordiosos que nem pelos canhões, nem pelo fogo, nem pelas armas, nem pela peste podiam ser obrigados a deixar Warschau: a miséria dos outros homens impediu. Eles perseveraram e perseveram ainda corajosamente no meio de tantos perigos e tanto sofrimento, por causa da misericórdia. (...) Caros irmãos, sejamos misericordiosos e exerçamos a misericórdia por todos. Assim nunca mais encontraremos um pobre sem podermos consolá-lo. Nunca mais encontraremos um ignorante sem ensinar a ele uma palavra que deva crer e o que fazer para sua salvação. Ó, Libertador, não deixe que abusemos de nossa vocação. Não tire desta Congregação o espírito da vossa misericórdia. Pois, o que seria de nosso destino se nos tirásseis a vossa misericórdia? Dai-nos, então, este espírito de misericórdia junto com a mansidão e a humildade.” (Cf. Conferência de São Vicente de Paulo de 6 de agosto de 1656).

Sumário

Editorial	55	
Voz da Igreja	56	
Superior Geral	59	
Palavra do Visitador	62	
Olhar Teológico	<i>Luzes e Desafios para a nossa Missão Vicentina a partir da Exortação Apostólica “Evangelii Gaudium”</i>	66
	Pe. Eli Chaves, C. M.	
Espiritualidade	<i>Chamados a seguir Jesus no itinerário da misericórdia</i>	71
	Diác. Denilson Matias, C. M.	
Herança Vicentina	<i>Meditando sobre a misteriosa conversão de São Vicente e o seu encontro com o Caminho</i>	75
	Pe. Getulio Mota Grossi, C. M.	
Olhar Filosófico	<i>A Fenomenologia da Vida Activa em Hannah Arendt: Política, Direitos Humanos e Filosofia...</i>	78
	Lucas de Souza Santos, C. M.	
Memória	<i>Pe. Geraldo Ferreira Barbosa</i>	83
	Pe. Vinicius A. R. Teixeira e Pe. Célio Maria Dell’Amore	
Notícias	89	

Editorial

Contemplando o segundo trimestre de 2014 o Informativo São Vicente chega até você com reflexões, notícias e a intenção de levar uma palavra amiga que lhe anime nesta caminhada árdua, porém bela, de levar a Palavra de Deus de modo eficaz a todos os rincões aos quais somos chamados a ser fermento, sal e luz.

Nosso país, nossa história e nossa Igreja passam por momentos de constantes crises e superações. Em meio a tudo isso é que somos chamados a nutrir-nos da esperança de Cristo para congregar e animar aos nossos irmãos e as nossas irmãs que vivem desanimados pelos pesados fardos que nosso sistema social lhes impõe.

A violência, a guerra, a fome, os sistemas de saúde e educacionais precários, a corrupção, a falta de possibilidades e oportunidades para o resgate da dignidade roubada, entre tantas outras coisas, configuram-se como contra-sinais do Reino de Deus. Estes contra-sinais do Reino são para nós uma missão, um chamado para que nos ponhamos em prontidão para denunciar os sistemas e as estruturas que desumanizam o homem e a mulher de nossos dias e anunciar com coragem e urgência uma nova vida; nutrida pelos valores do Evangelho, alicerçada na Palavra de Deus que não cessa de anunciar um mundo movido pelo amor e pela misericórdia.

Empenhemo-nos com afinco para que superemos nossos limites e adquiramos a disposição de seguir a Jesus, trazendo à nossa sociedade a oportunidade de redescobrir-se de modo integral, como sociedade fraterna, imagem e semelhança do Deus da vida que é amor. Que Ele nos anime, que nos dê a força de seu Espírito para caminharmos sem medo rumo à construção de um mundo novo alicerçado nos valores que nos foram transmitidos por Jesus.

Voz da Igreja

MENSAGEM DO SANTO PADRE FRANCISCO PARA A QUARESMA DE 2014

INVOCAÇÃO PELA PAZ

Jardins do Vaticano
Domingo, 8 de Junho de 2014

Senhores Presidentes, Santidade, irmãos e irmãs!



Com grande alegria vos saúdo e desejo oferecer, a vós e às ilustres Delegações que vos acompanham, a mesma recepção calorosa que me reservastes na minha peregrinação há pouco concluída à Terra Santa.

Agradeço-vos do fundo do coração por terdes aceitado o meu convite para vir aqui a fim de juntos, implorarmos de Deus o dom da paz. Espero que este encontro seja um caminho à procura do que une para superar aquilo que divide.

E agradeço a Vossa Santidade, venerado Irmão Bartolomeu, por estar aqui comigo a acolher estes hóspedes ilustres. A sua participação é um grande dom, um apoio precioso e testemunho do caminho que estamos a fazer, como cristãos, rumo à plena unidade.

A vossa presença, Senhores Presidentes, é um grande sinal de fraternidade, que realizais como filhos de Abraão, e expressão concreta de confiança em Deus, Senhor da história, que hoje nos contempla como irmãos um do outro e deseja conduzir-nos pelos seus caminhos.

Este nosso encontro de imploração da paz para a Terra Santa, o Médio Oriente e o mundo inteiro é acompanhado pela oração de muitíssimas pessoas, pertencentes a diferentes culturas, pátrias, línguas e religiões: pessoas que rezaram por este encontro e agora estão unidas conosco na mesma intenção. É um encontro que responde ao ardente desejo de quantos anelam pela paz e sonham um mundo onde os homens e as mulheres possam viver como irmãos e irmãs e não como adversários ou como inimigos.

Senhores Presidentes, o mundo é uma herança que recebemos dos nossos antepassados, mas é também um empréstimo dos nossos filhos: filhos que estão cansados e extenuados pelos conflitos e desejosos de alcançar a aurora da paz; filhos que nos pedem para derrubar os muros da inimizade e percorrer a estrada do diálogo e da paz a fim de que triunfem o amor e a amizade.

Muitos, demasiados destes filhos caíram vítimas inocentes da guerra e da violência, plantas arrancadas em pleno vigor. É nosso dever fazer com que o seu sacrifício não seja em vão. A sua memória infunda em nós a coragem da paz, a força de perseverar no diálogo a todo o custo, a paciência de tecer dia após dia a trama cada vez mais robusta de uma convivência respeitosa e pacífica, para a glória de Deus e o bem de todos.

Para fazer a paz é preciso coragem, muito mais do que para fazer a guerra. É preciso coragem para dizer sim ao encontro e não à briga; sim ao diálogo e não à violência; sim às negociações e não às hostilidades; sim ao respeito dos pactos e não às provocações; sim à sinceridade e não à duplicidade. Para tudo isto, é preciso coragem, grande força de ânimo.

A história nos ensina que as nossas forças não bastam. Já mais de uma vez estivemos perto da paz, mas o maligno, com diversos meios, conseguiu impedi-la. Por isso estamos aqui, porque sabemos e acreditamos que necessitamos da ajuda de Deus. Não renunciamos às nossas responsabilidades, mas invocamos a Deus como ato de suprema responsabilidade perante as nossas consciências e diante dos nossos povos. Ouvimos um chamado e devemos responder: o chamado a romper a espiral do ódio e da violência, a rompê-la com uma única palavra: «irmão». Mas, para dizer esta palavra, devemos todos levantar os olhos ao Céu e reconhecer-nos filhos de um único Pai.

A Ele, no Espírito de Jesus Cristo, me dirijo, pedindo a intercessão da Virgem Maria, filha da Terra Santa e Mãe nossa:

Senhor Deus de Paz, escutai a nossa súplica!

Tentamos tantas vezes e durante tantos anos resolver os nossos conflitos com as nossas forças e também com as nossas armas; tantos momentos de hostilidade e escuridão; tanto sangue derramado; tantas vidas despedaçadas; tantas esperanças sepultadas... Mas os nossos esforços foram em vão. Agora, Senhor, ajudai-nos! Dai-nos a paz, ensinai-nos a paz, guiai-nos para a paz. Abri os nossos olhos e os nossos corações e dai-nos a coragem de dizer: «nunca mais a guerra»; «com a guerra, tudo fica destruído»! Infundi em nós a coragem de realizar gestos concretos para construir a paz. Senhor, Deus de Abraão e dos Profetas, Deus Amor que nos criastes e chamais a viver como irmãos, dai-nos a força para sermos cada dia artesãos da paz; dai-nos a capacidade de olhar com benevolência todos os irmãos que encontramos no nosso caminho. Tornai-nos disponíveis para ouvir o grito dos nossos cidadãos que nos pedem para transformar as nossas armas em instrumentos de paz, os nossos medos em confiança e as nossas tensões em perdão. Mantende acesa em nós a chama da esperança para efetuar, com paciente perseverança, opções de diálogo e reconciliação, para que vença finalmente a paz. E que do coração de todo o homem sejam banidas estas palavras: divisão, ódio, guerra! Senhor, desarmai a língua e as mãos, renovai os corações e as mentes, para que a palavra que nos faz encontrar seja sempre «irmão», e o estilo da nossa vida se torne:

shalom, paz, salam! Amém.

Francisco

Superior Geral

Roma, 14 de julho de 2014

Queridos coirmãos,



Que a graça e a paz de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja sempre em seus corações!

No Tempo Forte, circular da semana passada, escrevi sobre uma nova página *web* para as **Missões Internacionais**. Este projeto surgiu devido um grande trabalho e dedicação do Padre John Freund, C.M., nosso *web-master* para a “Fam-Vin”, Thomas “Toma” Zielinski e o apoio do Escritório de Comunicações da Cúria.

Acredito que este *web site* é um recurso valioso para os Coirmãos que trabalham nas Missões, assim como para os membros da Congregação e da Família Vicentina. Este novo *web site* ajudará a promover o trabalho das missões internacionais e proporcionar informação sobre as diversas obras dos Coirmãos e dos lugares onde trabalhamos. Creio que pode ajudar a conscientizar a outros sobre a importância da dimensão missionária de nosso carisma vicentino.

O link para este *web site* <http://gospel-joy.org/>. Por favor, tome tempo para visitar este *web site*. Os Coirmãos que estiverem nas missões internacionais estão convidados a enviar, para publicação na página *web*, vídeos, reflexões e orações curtas que narrem as histórias de seus esforços de compartilhar a alegria do Evangelho. Por isso, enviem para Padre John Freund em freundj@gmail.com.

Seu irmão em São Vicente,

G. Gregory Gay, C. M.
Superior Geral

Nomeação Provincial

Roma, 10 de abril de 2014.

A todos os membros da
Província Brasileira da Congregação da Missão
Rio de Janeiro – Brasil

Prezados Coirmãos,
A graça de Nosso Senhor esteja sempre com vocês!

Escrevo para comunicar-lhes que recebi e analisei as Atas da Assembleia Provincial da Província Brasileira da Congregação da Missão, realizada no dia 4 de abril de 2014, com o objetivo de eleger o novo Visitador Provincial. Com o consentimento dos membros do Conselho Geral, confirmo a eleição **Pe. Geraldo Eustáquio Mól Santos** para o ofício de Visitador Provincial, com mandato de quatro anos, de 5 de maio de 2014 a 4 de maio de 2018.

Agradeço ao Pe. Geraldo a disponibilidade para aceitar este serviço de governo e animação da Província. Todos os coirmãos o acolham como legítimo Superior Maior, posto à frente da Província para governá-la segundo as normas do Direito Universal e Próprio (Cf. C.134). Peço a generosa e corresponsável colaboração de todos os coirmãos com o novo Visitador. Na esperança renovada de um bom serviço a ser realizado pelo novo Visitador, todos se sintam desafiados e reanimados pela caridade compassiva de Cristo para dar continuidade à missão, enfrentando com vigor e entusiasmo os compromissos e os desafios próprios de nossa missão vicentina. Seja esta hora um momento para, no amor a Cristo nos pobres, dilatar os corações, renovar a disponibilidade missionária, confiar na Providência Divina e crescer na acolhida alegre e fiel da vontade de Deus que nos chama ao seu serviço.

Recebam meu abraço fraterno. Deus, por intercessão de São Vicente, conceda abundantes bênçãos a todos os membros da Província Brasileira, para que possam sempre mais avançar, com renovada fidelidade, fraternidade e compromisso, no seguimento a Cristo evangelizador dos pobres!

Seu Irmão em São Vicente,
G. Gregory Gay, C. M.

G. GREGORY GAY, C.M.

**SUPERIOR GERAL
DA CONGREGAÇÃO DA MISSÃO**

ao Revmo. Sr.
GERALDO EUSTÁQUIO MÓL SANTOS

Sacerdote da mesma Congregação
Saudações no Senhor!

De acordo com o estabelecido no Estatuto 68, § 4 da Congregação da Missão, corresponde ao Superior Geral da mesma, com o consentimento do Conselho Geral, confirmar o coirmão que for eleito para o ofício de Visitador.

Depois de ter estudado, junto com o Conselho Geral, os resultados da eleição do Visitador, confirmo o Sr. Pe. Geraldo Eustáquio MÓL SANTOS **VISITADOR DA PROVÍNCIA DO RIO** por quatro anos a partir da data de 5 de maio de 2014, com os direitos e deveres assinalados no direito próprio da Congregação da Missão e pelo tempo estabelecido nas Normas Provinciais da Província do Rio de Janeiro.

Peço a todos os membros da Província do Rio de Janeiro que o aceitem como Visitador legítimo e lhe prestem toda a ajuda e colaboração de que necessite para o bem das pessoas, das obras e das instituições provinciais.

Dado em Roma, no dia 10 de abril de 2014.

G. Gregory Gay, C. M.
Superior Geral

Giuseppe Turati, C. M.
Secretário Geral

Palavra do Visitador

Rio de Janeiro, 22 de junho de 2014

Prezados Coirmãos,

Que Deus, nosso Pai, nos conceda sua graça e paz! Jesus, o Salvador nos traga a sua ressurreição e sua vida! E o Espírito Santo santifique nossos corações e nos apresente o caminho para o Pai!

Iniciamos, em nossa Província, uma nova gestão no dia 05 de junho de 2014 quando o novo conselho se reuniu pela primeira vez. Temos uma grande empreitada pela frente. Muitas questões provinciais requerem de todos nós grande atenção e cuidado.

É tempo de planejar, traçar estratégias e organizar ações que visem o nosso fim primeiro: reunidos para evangelizar os pobres. O planejamento é um instrumento importante em nossas vidas e missão. Nele estabelecemos nosso fim, refletimos sobre a realidade atual, nossa vocação, sonhos, desejos e organizamos o nosso dia a dia.

Em carta circular enviei a todos os coirmãos a solicitação de uma leitura atenta dos planejamentos das duas últimas gestões: (2008-2010 e 2011-2013). E, a partir da leitura encaminhar à Sede Provincial reflexões, sugestões de como devemos construir o nosso planejamento para a gestão 2014-2018. Sugiro um grande trabalho de síntese de todo esse material que deve lançar luzes para o nosso futuro a curto, médio e longo prazo.

Nesse quase dois meses não tive oportunidade de ir a muitas casas ou obras. Acabei por visitar apenas algumas para tratar de assuntos mais urgentes com alguns coirmãos. Tenho me esforçado, nesse primeiro momento, em organizar uma agenda com proposta de datas a ser encaminhada a todas as comunidades para sua aprovação e/ou sugestão de outras datas e enfrentado algumas questões em nível de organização e respostas às diversas demandas que surgem todos os dias e enfrentado alguns entraves jurídicos. Contudo, continuo disposto a seguir em frente e espero a generosa colaboração de todos nessa caminhada.

Quero reforçar o convite à participação, conforme circular já encaminhada a todos os coirmãos, no Encontro da CLAPVI que vai ser realizado na Fazenda do Engenho entre os dias 25 a 29/08/2014, com o tema: Teologia da Missão. A participação do maior número possível de coirmãos enriquecerá a todos nós.

Ainda, já temos programado para o mês de novembro/2014, dias 10 a 14, um encontro de todos os coirmãos que trabalham em Curatos e Paróquias, conforme sugestão da última Assembleia Provincial que realizamos na Fazenda do Engenho. Peço que todos se organizem e se esforcem para participar do encontro e, assim, pensarmos juntos o presente e o futuro das nossas obras.

No dia 02 de agosto/2014, na Comunidade Santo Amaro, Distrito de Brumal, Santa Bárbara-MG, teremos a felicidade da Ordenação Diaconal do Irmão Denílson. Será uma alegria ainda maior encontrar um bom número de coirmão participando de tão importante acontecimento em nossa Província.

Um fraterno abraço em São Vicente de Paulo a todos e muita disposição missionária!

Padre Geraldo Eustáquio Mól Santos, C. M.
Visitador Provincial

Rio de Janeiro, 15 de junho de 2014.

Prezados Coirmãos,

Que Deus, nosso Pai, nos conceda sua graça e paz. Jesus, o Salvador, nos traga a sua ressurreição, sua luz e o Espírito Santo, santifique os nossos corações e nos apresente o caminho para o Pai.

“A formação dos nossos deve prolongar-se e renovar-se por toda a vida” (CC. 81).

“Os Coirmãos e as Comunidades da PBCM, nos retiros, cursos e encontros e em todo o esforço de formação permanente, assimilem os princípios da teologia e da espiritualidade, centrados em Cristo Libertador, e por eles orientem sua atividade e sua vida (CC. 81, 87 e 88 e EE.. 41 e 42).

Entre os dias 25 a 29 de agosto do ano em curso teremos mais um encontro da CLAPVI com o tema *Teologia da Missão*. Para nossa alegria este encontro será realizado em nossa Província no Complexo Santuário do Caraça – Fazenda do Engenho – Município de Santa Bárbara – MG. Iremos receber coirmãos de Províncias Latino-Americanas e, evidentemente, todos os coirmãos da nossa Província são convidados a participar do encontro.

Teremos como assessores o Padre Paulo Sues, Teólogo (especialista em Missiologia), com boas obras publicadas, bom conteúdo e orientará a nossa reflexão a partir da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, outros Documentos da Igreja e sua experiência pastoral junto a países latino-americanos e o nosso Coirmão Padre Getúlio Mota Grossi, C.M., da Província do Rio de Janeiro, que abordará o tema a partir dos escritos e pensamentos de São Vicente de Paulo.

Como se trata de um encontro com participação de coirmãos de outros países temos que nos organizar para bem recebê-los e proporcionar-lhes um encontro agradável, com bom conteúdo e aproveitar a oportunidade para uma boa troca de experiências da nossa vivência de Missionários Vicentinos. No dia 24 de agosto, pela tarde teremos o traslado de todos os participantes para o local do encontro partindo do Instituto São Vicente de Paulo – TREVO. No dia 25, pela manhã, daremos início ao encontro com oração inicial e dinâmica de apresentação. Nos dias 25, 26 e 27 teremos o

auxílio de nossos assessores que abordarão o tema proposto. No dia 28, temos como proposta uma boa troca de experiências, avaliação do encontro e outros encaminhamentos, e à noite a realização de um momento cultural no Santuário do Caraça, onde será oferecido o jantar e celebraremos a Eucaristia. No dia 29 temos como proposta um passeio de confraternização à Cidade de Ouro Preto – Cidade Patrimônio Cultural da Humanidade.

Penso, será um momento de suma importância em nosso processo de formação permanente, onde poderemos revigorar nossa espiritualidade, vocação missionária e tomar contato com novos instrumentos e ferramentas que, em muito, nos servirão para o desenvolvimento e aprimoramento de nossas atividades missionárias, com mais entusiasmo, ousadia e criatividade.

Todos os coirmãos da Província são convidados a tomar parte no encontro, o que será motivo de grande alegria para todos nós. Abaixo segue a ficha de inscrição. Favor preenchê-la e devolvê-la à nossa Secretaria Provincial através do e-mail: pbcm@pbcm.com.br.

Padre Geraldo Eustáquio Mól Santos, C. M.
Visitador Provincial

Olhar Teológico



EXHORTACIÓN APOSTÓLICA "EVANGELII GAUDIUM"

Luzes e Desafios para a nossa Missão Vicentina a partir da Exortação Apostólica "Evangelii Gaudium" (*)

Parte do texto de Pe. Eli Chaves, Assistente Geral da Congregação da Missão utilizado para os trabalhos realizados na Assembleia da Província Brasileira da Congregação da Missão.

A necessidade de opção pelos pobres – A missão evangelizadora se desfigura se houver o enfraquecimento ou omissão do “*laço indissolúvel entre a recepção do anúncio salvífico e um efetivo amor fraterno*” (n. 179). “*O processo de secularização tende a reduzir a fé e a Igreja ao âmbito privado e íntimo. Além disso, com a negação de toda a transcendência, produziu-se uma crescente deformação ética, um enfraquecimento do sentido do pecado pessoal e social e um aumento progressivo do relativismo...*” (n. 64). O Papa afirma com força e clareza que “*evangelizar é tornar o Reino de Deus presente no mundo, por isso se esta dimensão social do evangelho não for devidamente explicitada, corre-se sempre o risco de desfigurar o sentido autêntico e integral da missão evangelizadora*” (n. 167).

“*A partir do coração do Evangelho, reconhecemos a conexão íntima que existe entre evangelização e promoção humana, que se deve necessariamente exprimir e desenvolver em toda a ação evangelizadora*” (n.178). Este laço indissolúvel entre a recepção do anúncio salvífico e um efetivo amor fraterno, tão evidente nas Escrituras, mostra que a relação pessoal com Deus faz com que a vida social seja construída como um espaço de fraternidade, de justiça, de paz, de dignidade para todos. O Reino, que se antecipa e cresce entre nós abrange tudo. Por conseguinte, ninguém pode exigir-nos que releguemos a religião para a intimidade secreta das pessoas,

sem qualquer influência na vida social e nacional, sem nos preocupar com a saúde das instituições da sociedade civil, sem nos pronunciar sobre os acontecimentos que interessam aos cidadãos. Assim, a Igreja “*não pode nem deve ficar à margem na luta pela justiça*” (nn. 179 - 183).

Com base na *Doutrina Social da Igreja* e consciente de não ter monopólio da interpretação da realidade social ou da apresentação de soluções para os problemas contemporâneos, o Papa destaca duas questões: a inclusão social dos pobres e a questão da paz e do diálogo social. “*Deriva da nossa fé em Cristo, que se fez pobre e sempre se aproximou dos pobres e marginalizados...*” (n. 186). “*Cada cristão e cada comunidade são chamados a ser instrumentos de Deus ao serviço da libertação e promoção dos pobres, para que possam integrar-se plenamente na sociedade; isto supõe estar docilmente atentos, para ouvir o clamor do pobre e socorrê-lo....*” (n. 187). “*Os pobres são os destinatários privilegiados do Evangelho. É preciso dizer sem rodeios que existe um vínculo inseparável entre nossa fé e os pobres. Nunca os deixemos sós*” (n. 197). A opção preferencial pelos pobres é afirmada como um traço indiscutível do amor de Cristo pelos homens, como indica o Evangelho. Não escutar o grito do pobre quer dizer colocar-se “*fora da vontade do Pai e do seu projeto*” (n. 187). Trata-se de uma “*preferência divina (que) tem consequências na vida de fé de todos os cristãos, chamados a possuírem ‘os mesmos sentimentos que estão em Jesus Cristo’*” (Fl 2,5) (n. 198).

“*No coração de Deus, ocupam lugar preferencial os pobres, ‘tanto que Ele mesmo se fez pobre’ (1 Cor 8,9) (n. 197), e ‘para a Igreja a opção pelos pobres é mais uma categoria teológica que cultural, sociológica ou política’... Por isso, desejo uma Igreja pobre para os pobres... É necessário que todos nos deixemos evangelizar por eles*” (n. 198). Consequentemente, o Papa convoca a Igreja a sair para as periferias sociais e existenciais, apela para a atenção ao pobre, não apenas com ações de assistência e promoção, mas considerando-o em sua pessoa, dele se aproximando, dele cuidando espiritualmente e trabalhando na construção da justiça social. No compromisso com os pobres e em favor da vida, da justiça e da paz, a Exortação faz uma dura denuncia profética dos males sociais e das causas estruturais geradoras de pobreza e injustiça.

As palavras do Papa são duras em relação à ideologia capitalista e à economia de exclusão, “*não podemos mais confiar nas forças cegas e mão invisível do mercado*” (n. 204). “*Enquanto os lucros de poucos crescem exponencialmente, os da maioria situam-se cada vez mais longe do bem-estar daquela minoria feliz. Tal desequilíbrio provém de ideologias que*

defendem a autonomia absoluta dos mercados e a especulação financeira. Por isso, negam o direito de controle dos Estados, encarregados de velar pela tutela do bem comum” (n. 56). “A crise financeira que atravessamos faz-nos esquecer que, na sua origem, há uma crise antropológica profunda: a negação da primazia do ser humano. Criamos novos ídolos. A adoração do antigo bezerro de ouro (cf. Ex 32, 1-35) encontrou uma nova e cruel versão no fetichismo do dinheiro e na ditadura duma economia sem rosto e sem um objetivo verdadeiramente humano. A crise mundial, que investe as finanças e a economia, põe a descoberto os seus próprios desequilíbrios e sobretudo a grave carência duma orientação antropológica que reduz o ser humano apenas a uma das suas necessidades: o consumo (n. 55). A necessidade de mudanças do sistema econômico, o incentivo à nobre vocação dos políticos, o cuidado com a criação (a terra como morada de todos), o cuidado da fragilidade (os sem abrigo, os tóxico dependentes, os refugiados, as mulheres, os indígenas, os idosos, os nascituros, etc.), a busca do bem comum e da paz social são alguns dos muitos temas que o Papa menciona para nos encorajar a assumir a dimensão social do evangelho, com palavras, atitudes e ações.

A espiritualidade missionária como vigor e antídoto diante das atuais tentações – *Hoje nota-se em muitos agentes pastorais, mesmo pessoas consagradas, uma preocupação exacerbada pelos espaços pessoais de autonomia e relaxamento, que leva a viver os próprios deveres como mero apêndice da vida, como se não fizessem parte da própria identidade. Ao mesmo tempo, a vida espiritual confunde-se com alguns momentos religiosos que proporcionam algum alívio, mas não alimentam o encontro com os outros, o compromisso no mundo, a paixão pela evangelização. Assim, é possível notar em muitos agentes evangelizadores – não obstante rezem – uma acentuação do individualismo, uma crise de identidade e um declínio do fervor. São três males que se alimentam entre si (n. 78).*

No meio da cultura globalizada atual, marcada pelo individualismo, somos influenciados e, muitas vezes, nossa missão fica comprometida. Sem esquecer os inúmeros cristãos que dão um belo testemunho de vida doada a Deus e ao próximo, causam tristeza e vergonha os pecados e os escândalos de alguns membros da Igreja. *“Como filhos desta época, todos estamos de algum modo sob o influxo da cultura globalizada atual, que, sem deixar de apresentar valores e novas possibilidades, pode também limitar-nos, condicionar-nos e até mesmo combalir-nos. Reconheço que precisamos criar espaços apropriados para motivar e sanar os agentes pastorais, lugares onde regenerar a sua fé em Jesus crucificado e ressuscitado...” (n. 77).*

Diante dos riscos e “*tentações*” do atual cenário sociocultural e em vista do apelo à conversão missionária da Igreja, o Papa Francisco expõe uma detalhada série de comportamentos e condutas que desviam os evangelizadores do verdadeiro espírito cristão. São atitudes e posturas baseadas no fechamento egoísta e individualista, onde o evangelizador se coloca como uma autorreferência e se deixa levar pelo clericalismo, pela busca do interesse próprio, pelo pessimismo estéril, pelo esvaziamento espiritual, pelo fascínio alienante do mundo virtual e da cultura midiática, pelos ciúmes e divisões que matam o espírito comunitário... A raiz dos piores males que afligem a Igreja é identificada pelo Papa com “*o mundanismo espiritual, que se esconde por detrás de aparências de religiosidade e até mesmo de amor à Igreja, mas que na verdade busca, em vez da glória do Senhor, a glória humana e o bem-estar pessoal*”. (n. 93)

O Papa identifica nesta atitude novas expressões de um gnosticismo ou do neopelagianismo, trata-se de uma postura “*de quem, no fundo, só confia nas suas próprias forças e se sente superior aos outros por cumprir determinadas normas ou por ser irredutivelmente fiel a certo estilo católico próprio do passado*” (n. 94). As palavras do Papa criticam duramente esses ambientes eclesiais nos quais “*alimenta-se a vanglória de quantos se contentam com ter algum poder e preferem ser generais de exércitos derrotados antes que simples soldados dum batalhão que continua lutando*”, sonhando “*com planos apostólicos expansionistas, meticulosos e bem traçados, típicos de generais derrotados*” (n. 96). Um mundanismo asfixiante que se esconde sob “*roupagens espirituais ou pastorais*”, e que pode ser curada somente “*saboreando o ar puro do Espírito Santo*” (n. 97).

Para superar ou evitar estas tentações, precisamos ser “*evangelizadores com espírito*”, isto é, “*evangelizadores que rezam e trabalham. Do ponto de vista da evangelização, não servem as propostas místicas desprovidas de um vigoroso compromisso social e missionário, nem os discursos e ações sociais e pastorais sem uma espiritualidade que transforme o coração. Estas propostas parciais e desagregadoras alcançam só pequenos grupos e não têm força de ampla penetração, porque mutilam o Evangelho. É preciso cultivar sempre um espaço interior que dê sentido cristão ao compromisso e à atividade*” (n. 262).

“*Esta convicção, porém, é sustentada com a experiência pessoal, constantemente renovada, de saborear a sua amizade e a sua mensagem. Não se pode perseverar numa evangelização cheia de ardor, se não se está convencido, por experiência própria... Sabemos bem que a vida com Jesus se torna muito mais plena e, com Ele, é mais fácil encontrar o sentido para*

cada coisa. É por isso que evangelizamos. O verdadeiro missionário, que não deixa jamais de ser discípulo, sabe que Jesus caminha com ele, fala com ele, respira com ele, trabalha com ele. Sente Jesus vivo com ele, no meio da tarefa missionária. Se uma pessoa não O descobre presente no coração mesmo da entrega missionária, depressa perde o entusiasmo e deixa de estar seguro do que transmite, faltam-lhe força e paixão. É uma pessoa que não está convencida, entusiasmada, segura, enamorada, não convence ninguém” (n. 266). “Unidos a Jesus, procuramos o que Ele procura, amamos o que Ele ama. Em última instância, o que procuramos é a glória do Pai, vivemos e agimos ‘para que seja prestado louvor à glória da sua graça’(Ef 1,6). Se queremos entregar-nos a sério e com perseverança, esta motivação deve superar toda e qualquer outra. O movente definitivo, o mais profundo, o maior, a razão e o sentido último de tudo o resto é este: a glória do Pai que Jesus procurou durante toda a sua existência” (n 267).

“Para ser evangelizadores com espírito é preciso também desenvolver o prazer espiritual de estar próximo da vida das pessoas, até chegar a descobrir que isto se torna fonte duma alegria superior. A missão é uma paixão por Jesus, e simultaneamente uma paixão pelo seu povo (268). O pastor, o missionário, deve ter o cheiro das ovelhas, ter o cheiro de Jesus. O próprio Jesus é o modelo desta opção evangelizadora que nos introduz no coração do povo. “Certamente todos somos chamados a crescer como evangelizadores. Devemos procurar simultaneamente uma melhor formação, um aprofundamento do nosso amor e um testemunho mais claro do Evangelho. Neste sentido, todos devemos deixar que os outros nos evangelizem constantemente... Seja como for, todos somos chamados a dar aos outros o testemunho explícito do amor salvífico do Senhor, que, sem olhar às nossas imperfeições, nos oferece a sua proximidade, a sua Palavra, a sua força, e dá sentido à nossa vida... A nossa imperfeição não deve ser desculpa; pelo contrário, a missão é um estímulo constante para não nos acomodarmos na mediocridade, mas continuarmos a crescer (n. 121). E ainda, esta paixão por Jesus na paixão pelo seu povo necessita ser continuamente renovada, aprofundada e alimentada através da oração, da meditação-oração da Palavra, das práticas espirituais que nos abrem ao amor missionário. Somente assim manteremos nossa verdadeira identidade de discípulos missionários e não deixaremos que nos roubem o evangelho, a comunidade, o fervor missionário, a esperança!

Espiritualidade

Chamados a seguir Jesus no itinerário da misericórdia.

Diacono Denilson Matias, C. M.¹

*“Pedi, pois ao dono da Messe que envie trabalhadores para a sua colheita.”
(Mt 9, 32-38)*

O seguimento de Jesus como proposta e motivação profunda da pessoa que deseja ser continuadora de sua missão passa por uma via de interiorização da mentalidade de Jesus de Nazaré. É um movimento que vem do interior para o exterior. É necessário assumir na própria vida a visão e os princípios da lógica de Jesus a respeito do mundo e sua relação com o Reino de Deus, duas dimensões inseparáveis na concepção de Jesus. Ao tentar compreender a mensagem dos Evangelhos podemos chegar à conclusão de que mundo e Reino estão unidos de modo intenso, uma vez que o Reino de Deus se faz aqui. O primeiro passo ao tentarmos nos aproximar da visão e lógica de Jesus acerca do mundo deve ser dado através da interiorização de sua palavra. Ao criarmos um elo de intimidade com a Palavra de Deus e bebermos das fontes evangélicas torna-se mais rico, mais fecundo e mais verdadeiro o nosso processo e modo de conhecer a Jesus Cristo e de nos identificarmos com sua proposta.

Não existe seguimento de Jesus, não existe identificação com seu projeto ou a cristalização de uma identidade verdadeiramente cristã se nossa ligação com ele não nasce de uma relação orante com sua palavra, pois é ela que nos mostra e nos dá a conhecer os traços mais inquietantes e provocadores da vida, das atitudes, da personalidade envolvente e da maneira radical pela qual Jesus de Nazaré iniciou a transformação do mundo, abrindo-a para uma continuação sem limites espaço-temporais na história humana. Através da leitura bíblica podemos compreender Jesus como ponto máximo da revelação que Deus faz de si mesmo, o Verbo, o *Logos*, que exteriorizado revela ao mundo a face misericordiosa do Deus humanizado que quer com sua vida divinizar o seu povo.

¹ Este artigo é parte de um conjunto de reflexões pessoais feitas em meu retiro preparatório para a ordenação diaconal em julho de 2014.



O Evangelho é o próprio Jesus, Palavra Viva de Deus que si de si mesmo para o encontro, que nos dá condições para segui-lo em liberdade. Liberdade esta que nos permite segui-lo sem que nos aniquilemos como pessoas, mas para segui-lo como seres individuais dotados, cada um, com a sua personalidade. A liberdade do seguimento conforma nossa personali-

dade à consciência de Jesus, sua consciência de Filho, missionário enviado do Pai, pelo Espírito, com uma missão a desenvolver no mundo, cujo projeto desta está explícito em Lc 4, 18-19: *“O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou com a unção, para anunciar a Boa Notícia aos pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista; para libertar os oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor.”* A consciência de quem ele era e porque tinha sido enviado também está nesta perícopie, quando fazendo referência à profecia de Isaías, Jesus diz no final do texto de Lc 4, 21: *“Hoje se cumpriu essa passagem da Escritura que vocês acabam de ouvir.”*² Existe um apelo, existe um chamado atrelado à missão de Jesus Cristo, este apelo e chamado é destinado a cada um de nós. Uma vez chamados para seguir Jesus e de termos consciência de que somos filhos de Deus devemos responder a este chamado de modo positivo, dando continuidade à sua missão que não é segredo, ela foi anunciada na Sinagoga. O seguimento de Jesus nos convida a caminharmos seguindo seus passos partindo da nossa originalidade pessoal, aderindo sua consciência e compreensão de mundo para dar continuidade ao seu projeto profético de anunciar a boa nova aos pobres e oprimidos, libertar os cativos e sarar os doentes deste mundo. Seguir Jesus é encher-se de misericórdia para dar misericórdia. A concretização do projeto trinitário é abraçar o mundo com um abraço misericordioso, instaurando nele o Reino definitivo.

O seguimento de Jesus é reflexão que se converte em atitude, este processo nos ajuda a internalizar a mentalidade, bem como externalizá-la, de Jesus Cristo, que se tornou visível através de suas ações, fazendo com que nos redescubramos como continuadores de seu legado no impacto da ação do Espírito; na dinâmica de um envolvimento profundo e permanente com sua Palavra que deve ser transformada em vida; *“eu vim para que to-*

² *“O Espírito do Senhor Javé está sobre mim, porque Javé me ungiu. Ele me enviou para dar a boa notícia aos pobres, para curar os corações feridos, para proclamar a libertação dos escravos e pôr em liberdade os prisioneiros, para promulgar o ano da graça de Javé, o dia da vingança do nosso Deus, e para consolar todos os aflitos, os aflitos de Sião, para transformar sua cinza em coroa, seu luto em perfume de festa, seu abatimento em roupa de gala”* (Is 61, 1-2). Este trecho da profecia encontrado no livro de Isaías é se projeta no Segundo Testamento na parte lida por Jesus, na Sinagoga, em Lc 4, 18-19. A profecia fala do Messias e de sua missão de libertar o Povo de Deus do pesado jugo da opressão e pobreza. Jesus assume esta missão e mostra à assembleia que tem consciência de seu papel messiânico.

dos tenham vida” (Cf. Jo 8, 10). O “Eu” pronunciado por Jesus era antes o Verbo e o Verbo se fez vida (*“Eu sou o caminho, a verdade e a vida.”*) para que todos a tivessem em abundância (Cf. Jô 14, 6).



No itinerário do seguimento dos passos de Jesus há um acontecimento transformador na vida daqueles que se abrem à sua ação. Este acontecimento é o encontro com Deus (Abba) que é amor, que é misericórdia. Neste encontro, o próprio Deus nos preenche de sua misericórdia, nos revela seu rosto misericordioso e nos ensina a termos um

coração sensível, compassivo e misericordioso para com os demais, nos ensina a seguir Jesus em estado de misericórdia. O seguimento de Jesus alicerça nossa vocação na misericórdia e nos leva a entramos de coração aberto na miséria do outro, do próximo, do excluído, do oprimido, do afastado, do marginalizado.

A contemplação do rosto sofrido de Jesus crucificado nos remete aos crucificados de nossos dias; remete-nos à contemplação ativa de Jesus que está presente naquele que sofre, no órfão, na viúva e no estrangeiro; enfim, nos mais abandonados: “tudo o que fizerdes ao menor dos meus irmãos é a mim que o fazeis” (Mt 25,40). Não há como seguir Jesus se não subirmos ao Gólgota para contemplar seu sofrimento. Não há como seguir Jesus e não ver a dor e o sofrimento que ele viveu; destarte, não há como não nos deixarmos sensibilizar por seu sofrimento e compreender que o sofrimento de Jesus Cristo é o sofrimento do próximo, uma vez que *ele assumiu sobre si as dores e sofrimentos da humanidade* (Cf. Is 53, 4).

No seguimento de Jesus, a cruz e o crucificado tomam um lugar importante em nossa vida: o lugar da misericórdia; é neste lugar teológico aprenderemos sobre nossa relação com o mundo e com Deus. Como não contemplar o quadro brutal da crucifixão e não nos deixarmos tocar por ele? Como olhar ao nosso redor e ver que estamos rodeados de crucificados e não nos deixarmos tocar por eles? Como seguir a Jesus se não for pela via da misericórdia e da compaixão?

A Vida Consagrada que realmente segue a Jesus com radicalidade não deve ter medo de abrir os olhos e ver a situação do mundo no qual somos chamados a segui-lo. Como consagrados devemos abrir os nossos olhos, ver e deixarmos-nos impactar pela situação de opressão e de miséria nas quais muitos irmãos e irmãs nossos estão submersos até o pescoço.

É necessário ver e ouvir o clamor, o grito de dor de tantos que pedem socorro, que pedem auxílio em suas misérias. É necessário ver a miséria do próximo a partir de dentro, romper os esquemas de ser meros “consagrados à observação” e nos permitir sensibilizar-nos e sofrer com a dor alheia; isto é, arcar com o peso de nossa cruz vocacional. Esta atitude nos leva a desmascarar as estruturas de opressão que através de diversos meios ferem os filhos de Deus. O ato de nos sensibilizarmos através da visão e da escuta causa em nós uma revolta positiva que nos põe em marcha para fazer algo bom em prol daqueles que já não têm forças para fazê-lo. O Evangelho é claro quando nos incita a fazer aos outros aquilo que desejamos que façam a nós mesmos (Mt 7, 12), certo de que desejamos o bem, esta regra de ouro nos ajuda a imprimir em nossas ações as ações de Jesus: fazer o bem, exercer a misericórdia e a compaixão que não são sentimentos mortos, mas um sentir-ação, de um modo livre e desinteressado. O discipulado, o seguimento de Jesus nos torna livres e na força da liberdade que nos dá nos convida a assumirmos atitudes verdadeiramente libertadoras a partir da verdade e da entrega.

Vicente de Paulo que em seu processo de amadurecimento da fé seguiu a Jesus ao ponto de encher-se de misericórdia e de ser transformado por ela, nos dirá da misericórdia em sua conferência do dia 6 de agosto de 1656 ele diz: “Quando visitarmos os pobres, devemos entrar nos seus sentimentos para poder sofrer com eles e ter a mentalidade do grande apóstolo que disse: *‘Omnibus ominia factus sum’* (Eu me tornei tudo para todos). Então, não é para nós a queixa que o Senhor fez antigamente através de um profeta: *‘Sustinui qui simul mecum constristaretur et non fuit’* (Esperei para ver se alguém podia participar do meu sofrimento, mas não houve ninguém). Por isso nós devemos tentar fazer os nossos corações moles e receptíveis para o sofrimento e para a miséria do pobre. Peçamos a Deus que Ele nos dê o verdadeiro espírito de Misericórdia, que é o espírito próprio de Deus. Pois, como a Igreja diz, o próprio de Deus é mostrar misericórdia e dar dela o espírito”. O seguimento de Jesus nos revela o rosto misericordioso de Deus e nos torna misericordiosos para com os nossos irmãos ajudando-nos a inclinar-nos para ver e ouvir suas dores e clamores, para abraçá-los em misericórdia, participando no mais profundo de seu sofrimento propondo-lhes novas alternativas; saídas novas permeadas de esperança.

Que o exemplo de São Vicente e de tantos outros santos, que fizeram o movimento da saída de si mesmos (em misericórdia) rumo uma busca inquieta por Jesus Cristo e o encontraram, encarnado no pobre, nos ajude a experimentar o dom da misericórdia de Deus; tornando-nos, por ele, misericordiosos continuadores da obra iniciada por seu filho Jesus.

Herança Vicentina

Meditando sobre a misteriosa conversão de São Vicente e o seu encontro com o Caminho

Pe. Getúlio Mota Grossi, C. M.

Foi-me pedido um artigo sobre a espiritualidade de São Vicente de Paulo. No tempo pascal, à luz do encontro com o Caminho, no caminho de volta para Emaús, senti-me mais estimulado à mediação acima anunciada, que, acredito, nos será útil.

A mudança de rumo na vida de São Vicente é um mistério que desafia nossas investigações e tentativas de interpretação de ordem lógica, psicológica, histórica, social. Qualquer hermenêutica fracassa diante do mistério da gratuidade dos dons de Deus. A única luz para nossa compreensão, a meu ver, decorre da não menos misteriosa palavra do Evangelho de Lucas: “Quos voluit ipse vocavit” (Mc 3,13: “Jesus chamou os que ele quis”)!

A santidade é um dom, é uma vocação gratuita. Porque insondáveis desígnios, o Senhor mudou os caminhos de Vicente? Quem reflete com atenção na reorientação da agulha, na bússola da existência do camponês das Landes é desafiado por um enigma muito profundo.

Sente-se mais impelido à adoração do mistério e convidado a simplesmente descrever o novo roteiro desta tão rica existência e aprofundá-lo no silêncio da admiração contemplativa, da meditação dos caminhos de Deus, que não são os nossos caminhos, no total respeito às escolhas divinas.

Porque o Senhor não o deixou ao sabor de suas humanamente justas tentativas de ascensão social, de sua vontade de tirar o pé da lama, de sua fuga da situação sofrida de pobreza? Porque cargas d’água ultrapassou Vicente, venceu a tentação do meio termo de mediocridade, na escalada para a perfeição (vida de fé) e ascendeu para o meio termo de



eminência, característica da verdadeira virtude. Meio termo de eminência entre dois extremos viciosos, cujo ápice não tem fim, porque está na linha do impulso e do apelo feito pelo Senhor: “Sede perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito”.

A santidade é um mistério. O santo é obra prima de Deus! Nossa pequenez só pode balbuciar louvor e adoração ao Altíssimo que “chama quem ele quer”, e chorar nossa pusilanimidade! Com santa inveja! Quem sabe nos ajude mais o refletir sobre outra pergunta: a que parece reduzir-se o papel de Vicente de Paulo nesta virada decisiva, misteriosa e vertiginosamente progressiva?

Percorrendo-lhe a caminhada de vida, tão complexa e sofrida, parecemos divisar uma resposta, embora na penumbra da fé: Vicente não opôs obstáculo, deixou-se levar, foi acolhendo a entrada do Mestre que lhe batia, há tempos, suavemente, à porta do coração, para tomar refeição com ele (Ap 3,20). E assim foi deixando suas buscas interesseiras. Foi abandonando os estreitos e limitados cálculos de uma vida confortável, foi vencendo a tentação insidiosa da mediocridade horizontal de uma vida rotineira, sem sabor, de uma existência sem vigor, insossa, e despedindo-se da “honesta saída” para “passar o resto da vida ao lado dos seus”.

O ponto nevrálgico desse êxodo para outros rumos em direção a um novo horizonte em sua extraordinária e rica existência, só se explica (se é que é possível falar de explicação de um mistério), por um novo encontro com o Senhor! A decisiva descoberta contemplativa de Jesus e o encontro com ele nos pobres, com os quais andava trombandando pelas ruas de Paris, misteriosa ultrapassagem da “trombada” para o “encontro”, o decisivo “novo encontro com o Senhor”, ponto de arranque de sua espiritualidade: Jesus nos pobres, os pobres em Jesus.

Mas isso ainda é dom de Deus. Inefável mistério de graça. Ao qual podemos aspirar? Sim, na oração! E só! Mas oração não significa inércia, imobilismo, e sim abertura aos apelos da Providência, dispostos, com sua graça, a alargar nossos passos no seguimento do seus chamados, sobretudo, nos sinais dos tempos. A nós compete orar, suplicar, e confiar que a Providência pode nos ajudar a descobrir o “tesouro escondido no campo” e a encontrar a “moeda” perdida, a achar a “pérola” oculta e ter coragem para tudo fazer, tudo deixar, tudo renunciar para comprar o campo do “tesouro”, procurar a “moeda”, descobrir a “pérola” oculta, “de grande valor”, abrir espaço para a vitória do Reino no íntimo de nosso coração: “O Reino de Deus está em vosso íntimo”!



O que conforta é que não há tempo marcado. Deus aguarda, paciente e misericordioso, a hora de lhe abriremos a porta, nem que seja às portas da morte, como aconteceu ao bem-aventurado ladrão: “Passou a vida roubando, na hora da morte roubou o Reino” (Santo Agostinho). Um belo e instigante desafio! Paulo de Tarso e Vicente de Paulo, camponês das Landes nos inspiram, nos impelem a aceitá-lo e enfrentá-lo: a chamada para a Ressurreição e a Vida!

Para nós, o ponto nevrálgico do nosso êxodo no zelo missionário, da virada decisiva para a fidelidade criativa ao carisma:

o novo encontro com o Senhor dos pobres, a volta ao nosso “Primeiro Amor” (Ap 2,4). Deus no-lo conceda, à Companhia, à Província, a cada um de nós: uma súplica para o dia 27 de setembro de todos os anos, para o dia 25 de janeiro de todos os anos, para cada dia de nossa vida!

Quem lê as cartas e os colóquios do Santo com seus Filhos e Filhas há de perceber, em tudo e por tudo, a graça, o carisma, a inspiração perene de sua vida de fé, de sua contemplação mística: Jesus presente nos pobres, os pobres sempre presentes em seu coração: “Os pobres são meu peso e a minha dor”, “fui enviado para anunciar o evangelho aos pobres”. Amém!

Olhar Filosófico

A Fenomenologia da *Vita Activa* em Hannah Arendt: Política, Direitos Humanos e Filosofia.

Lucas de Souza Santos, C. M.

A Fenomenologia da *Vita Activa* em Hannah Arendt consiste numa caracterização fenomenológico-temporal e numa análise do significado das três atividades humanas fundamentais sob as quais a vida foi dada ao homem na Terra, quais sejam: o trabalho, a fabricação e a ação. Às atividades do trabalho, da fabricação e da ação correspondem, respectivamente, as condições básicas pelas quais o existir no mundo é possível: a vida, em suas necessidades mais prementes e elementares, cujo sustento é assegurado pelo trabalho; a mundanidade, concernente ao mundo comum de coisas duráveis, erigido contra o sempre-recorrente ciclo vital da espécie e cuja objetividade transcende a mera existência individual; a pluralidade, a qual, visto que a ação ocorre inevitavelmente entre os homens, assenta-se no “*fato de que os homens, e não o Homem, vivem na Terra e habitam o mundo. Embora todos os aspectos da condição humana tenham alguma relação com a política, essa pluralidade é especificamente a condição [...] de toda a vida política*”. (ARENDR, 2010, p. 8-9).

Hannah Arendt é tributária da Fenomenologia³, que, em seu sentido mais genérico⁴, diz respeito à descrição daquilo que aparece. Nas trilhas de Husserl⁵, ela chega à conclusão de que “*tudo o que existe [é] aparece necessariamente, e nada pode aparecer sem ter uma forma própria*”. (Ibidem, p. 216). Nessa perspectiva, ser e aparecer coincidem, de tal forma que a aparência não é projeção ilusória de um *eidós* nem possui um fundamento metafísico. Pelo contrário, o ser do fenômeno é o seu próprio aparecer, isto é, o aparecer sustenta o fenômeno, assegura a sua realidade e justifica sua existência⁶.

³ Segundo Celso Lafer (2003), “o método de trabalho de Hannah Arendt provém da tradição da filosofia alemã, na qual ela se formou, e está calcado no complexo fenomenologia/existencialismo. O objeto de suas análises e investigações resulta de sua experiência”. (p. 174).

⁴ Cf. Abbagnano, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 437.

⁵ A propósito, destaca-se que Hannah Arendt participou dos seminários de Edmund Husserl. Cf. Adler, Laure. *Nos passos de Hannah Arendt*. Rio de Janeiro: Record, 2007. p. 50.

⁶ Cf. Zitzkoski, Jaime José. *O método fenomenológico de Husserl*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994. 106 p.

Essa compreensão do mundo – não como um conjunto de objetos que existem em si mesmos isoladamente no singular, mas como realidades cuja existência requer a intersubjetividade – irá delinear a tematização arendtiana da política. Esta surge e é medida *entre-os-homens*, pois o homem é, por sua natureza, apolítico. Assim, a política constitui um fenômeno coletivo e plural, justamente porque o poder resulta da aptidão humana para agir em conjunto, é engendrado pelo consentimento de uma comunidade com um curso comum de ação e deriva de uma comunicação voltada para a obtenção de um acordo. Ora, se a pluralidade é a lei da Terra e se tudo o que é precisa, inexoravelmente, aparecer, então “*é pelas formas externas, por meio das quais aparecemos [...], que se assinala a consistência da imagem apresentada pelo indivíduo ao mundo e no mundo, que, neste processo, pela palavra e pela ação, se singulariza e se diferencia em relação aos Outros*”. (LAFER, 1988, p. 253). Hannah Arendt contesta, portanto, a concepção clássica de política que, desde Platão, perdera sua dignidade própria, como fundada na condição humana da pluralidade e na capacidade para agir, para se converter numa necessidade que constrange o *zôon politikón* a viver em comum com os demais, em função de sua precariedade e insuficiência antropológica.

No prólogo de “A condição Humana”, Hannah Arendt define que o propósito de sua obra consiste numa “*reconsideração da condição humana do ponto de vista privilegiado de nossas mais novas experiências e nossos temores mais recentes. [...]. O que proponho, portanto, é muito simples: trata-se apenas de pensar o que estamos fazendo*”. (ARENDRT, 2010, p. 6). Destarte, a filósofa aqui em tela restringe suas reflexões à era moderna, que começou cientificamente no século XVII e terminou no limiar do século XX⁷, procurando evidenciar as origens e as implicações da alienação moderna para a vida política. A expropriação individual⁸ e a depreciação de todas as coisas mundanas como catalisadoras do acúmulo de riqueza em

⁷ Segundo Hannah Arendt (2010, p. 309), três grandes eventos assinalam o caráter da era moderna, a saber: “*a descoberta da América e a subsequente exploração de toda a Terra; a Reforma, que, expropriando as propriedades eclesiásticas e monásticas, desencadeou o duplo processo de expropriação individual e acúmulo de riqueza social; e a invenção do telescópio, ensejando o desenvolvimento de uma nova ciência que considera a natureza da Terra do ponto de vista do universo.*”

⁸ A filósofa aqui em questão ressalta que “*a propriedade, distintamente da riqueza e da apropriação, indica a parte comum que tem um dono privado e é, portanto, a mais elementar condição política para a mundanidade do homem*”. (Ibidem, p. 315). Destaca-se, ainda, que “*antes da era moderna, que começou com a expropriação dos pobres e em seguida passou a emancipar as novas classes destituídas de propriedades, todas as civilizações tiveram por base o caráter sagrado da propriedade privada. A riqueza, ao contrário, fosse possuída privadamente ou publicamente distribuída, nunca antes fora sagrada. Originalmente, a propriedade significava nada mais nada menos que o indivíduo possuía seu lugar em determinada parte do mundo e, portanto, pertencia ao corpo político, isto é, chefiava uma das famílias que constituía em conjunto o domínio público. Essa parte do mundo possuída privadamente era tão completamente idêntica à família à qual pertencia que a expulsão de um cidadão podia significar não apenas o confisco de sua propriedade, mas a efetiva destruição de sua própria morada. “A riqueza de um estrangeiro ou de um escravo não substituía, em nenhuma circunstância, essa propriedade, ao passo que a pobreza não destituía o chefe de família desse lugar no mundo e da cidadania dele decorrente*”. (Ibidem, p. 75-76).

termos de uma economia capitalista; a emergência de uma nova classe trabalhadora que vivia sob a urgência constrangedora das necessidades da vida e, por consequência, alienada de qualquer cuidado ou preocupação que não decorresse imediatamente do processo vital; o estabelecimento do sujeito como o paradigma e o fundamento da cultura, o que acarretou na perda do senso comum e na redução de todas as experiências humanas à experiência do homem consigo mesmo; o desenvolvimento da ciência moderna com a concomitante alienação da terra; e a inviabilidade da tradução de verdades científicas em discurso significaram a alienação em relação ao mundo, isto é, a perda da mundanidade: a condição política mais elementar. É, pois, nesse contexto que o projeto arendtiano de amor ao mundo adquire relevância de primeira ordem.

Cada uma das três atividades humanas, articuladas entre si no interior da *vita activa* (trabalho, fabricação e ação) encerra uma constelação de significados e valores, sinaliza uma determinada orientação ideológica, é operada numa específica esfera espacial – espaços público, privado e social – e produz algo com uma durabilidade temporal peculiar. A partir da consideração de categorias abstratas – como tempo e espaço, natureza e artifício, instrumentalidade e espontaneidade, necessidade e liberdade, fluxo e durabilidade, estabilidade e fragilidade, repetibilidade e novidade, fim-em-si mesmo e meio, comportamento e ação, regularidade e criatividade, inesgotabilidade e objetividade – Arendt procura tematizar a condição humana, que não se restringe somente àquelas atividades basilares, pois “*o que quer que toque a vida humana ou mantenha uma duradoura relação com ela assume imediatamente o caráter de condição da existência humana*”. (Ibidem, p. 11).

Os temas sobre os quais Hannah Arendt se debruçou em sua análise da modernidade situam-na no coração de nossa época, pois ela refletiu sobre as problemáticas de maior relevância e alcance que nos tocam viver. Para além de uma descrição histórico-conceitual das temáticas abordadas – sistematizadas num conjunto filosófico unitário, coerente e conclusivo –, ela nos propõe perspectivas criativas e inovadoras para a revitalização da dignidade da política e nos oferece um horizonte hermenêutico de compreensão da contemporaneidade.

A ruptura totalitária constitui o ponto nevrálgico da reflexão arendtiana, pois a irrupção desse evento trouxe à cena pública o esgarçamento, no correr da Idade Moderna, da tradição do pensamento político ocidental, que até então ficara adstrito ao campo da teoria. Esse fenômeno, que esca-

pa à lógica do razoável, esfacelou as categorias e os parâmetros morais, jurídicos e epistemológicos que compõem o quadro de referência da tradição. Destarte, Arendt recusa fundamentar sua teoria na tradição, cujas bases matriciais e paradigmáticas – Platão e Aristóteles – subordinara a política à vida contemplativa, sendo convertida, através de toda a história da filosofia política em suas mais diversas expressões e modulações, em um conjunto de práticas submetidas ao governo tirânico da razão; sua pretensão é *“proceder a um ‘desmantelamento’ crítico da tradição a fim de recuperar aquilo mesmo que não se viu legado e que, agora, jaz escondido por sob os escombros do presente e do passado: os fragmentos da essência do político”*. (DUARTE, 2000, p. 122).

O totalitarismo resultou não do excesso da política, mas de sua ausência; ela, baseada na pluralidade humana, é supressa por esse regime na medida em que provoca a atomização social, que consiste em isolar o indivíduo no espaço privado e, assim, privar-lhe da ação política e da visibilidade pública. Para além disso e de forma mais profunda, essa forma de governo representa uma proposta de organização burocrática da sociedade baseada no terror e na ideologia que almeja a dominação total dos indivíduos e, para fazê-lo, gera a desolação, a qual destrói a liberdade não somente como um dado objetivo, mas elimina a própria espontaneidade nela mesma.

O processo acima mencionado marca o ineditismo do Totalitarismo na história do pensamento político, pois, ao contrário das tiranias e despotismos, não busca apenas restringir ou abolir as liberdades públicas e os direitos individuais, mas, sobretudo, eliminar a espontaneidade – a manifestação mais plena, translúcida e substancial da liberdade. Ou seja, para além da aniquilação da ação criativa e do discurso persuasivo na esfera da pluralidade, objetiva a destruição da dimensão mais profunda da condição humana, a saber, o pensamento.

No mundo contemporâneo – assinalado pela ascensão da sociedade de massas e a concomitante perda do interesse pelo mundo comum e do senso comum; pela generalização global da pobreza e da miséria; pelo desemprego crônico; pela automação dos processos de produção que, somado à explosão demográfica, torna segmentos da população descartáveis; pelo risco onipresente da guerra nuclear; pela instrumentalidade da violência, que assola as bases do poder; pela banalidade do mal; e pela burocratização de todas as experiências da existência –, a existência dessas situações sociais, políticas e econômicas sinaliza a possibilidade de uma reconstituição

de um “estado totalitário de natureza”, em cujo seio os homens tornam-se supérfluos, a exploração é desprovida de finalidades econômicas, o trabalho é destituído de utilidade e a punição é imposta independente do crime.

Num contexto de conversão de um contingente de seres humanos em pessoas explicitamente descartáveis e incômodas no plano mundial, destituídas de seu estatuto político substancial – a cidadania⁹ – e privadas da participação numa comunidade política e do reconhecimento de seus direitos humanos, o pensamento arendtiano ressoa com uma lucidez e uma consistência impressionantes. Esse pensamento, sem amparos na tradição, que procurou recuperar a dignidade do político em suas determinações democráticas essenciais, abre-nos novas perspectivas heurísticas de avaliação das problemáticas sociais e políticas de maior alcance de nossa era, bem como sinaliza caminhos criativos para a revitalização de princípios éticos no âmbito do fazer político¹⁰.

REFERÊNCIAS

- ARENDRT, Hannah. **A condição humana**. Tradução de Roberto Raposo. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. 407 p.
- DUARTE, André. **O pensamento à sombra da ruptura: política e filosofia em Hannah Arendt**. São Paulo: Paz e Terra, 2000. 392 p.
- LAFER, Celso. **A reconstrução dos direitos humanos: um diálogo com o pensamento de Hannah Arendt**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. 392 p.
- _____. **Hannah Arendt: pensamento, persuasão e poder**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003. 197 p.

⁹ A cidadania, cujo reconhecimento e titularidade são imprescindíveis na afirmação dos direitos do indivíduo, configura-se como categoria jurídica definidora do estatuto político do ser humano. Sem ela o sujeito não existe, torna-se supérfluo e fica restrito à vida transcorrida na esfera privada, de tal forma que estar privado da aparição no mundo comum compartilhado por todos significa perder o acesso à igualdade. Cf. Lafer, Celso. *A reconstrução dos direitos humanos: um diálogo com o pensamento de Hannah Arendt*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

¹⁰ Cf. Vaz, Henrique Cristiano de Lima. Ética e Direito. In: VAZ, Henrique Cristiano de Lima. *Escritos de filosofia II: ética e cultura*. São Paulo: Loyola, 2000. p. 135-180.

Memória

Padre Geraldo Barbosa: fé, gratidão e saudade



Estávamos reunidos na Fazenda do Engenho (Serra do Caraça), em pleno encontro provincial de formação permanente. Nas primeiras horas do dia 3 de abril, enquanto nos preparávamos para a oração, recebemos a dilacerante notícia do falecimento do Padre Geraldo Ferreira Barbosa, depois de prolongada e penosa enfermidade, no Hospital de Câncer de Barretos (SP), onde se encontrava internado.

Não há quem esteja acostumado com a morte, mesmo quando precedida de intenso sofrimento e crescente debilidade. Trata-se, seguramente, do mais abissal e desconcertante mistério que envolve a existência. Diante da morte, a natureza humana se rebela, a razão se confunde, os sentimentos afloram, as palavras se recolhem e dão lugar ao silêncio. Tudo se torna ainda mais inquietante, quando se trata de pessoa querida e admirada, de transbordante riqueza interior, que deixa após si rastros de comprovadas virtudes e de raras qualidades humanas. Silêncio habitado pela fé. Foi o que muitos de nós, familiares, Coirmãos, Filhas da Caridade e amigos, pudemos experimentar e exprimir, reverentes e consternados, diante da partida do Padre Geraldo Barbosa, fazendo eco às palavras do autor sagrado: *“A vida dos justos está nas mãos de Deus, e nenhum tormento os atingirá. Aos olhos dos insensatos parecem ter morrido; sua saída do mundo foi considerada uma desgraça, e sua partida do meio de nós, uma destruição; mas eles estão em paz. Aos olhos dos homens, parecem ter sido castigados, mas sua esperança é cheia de imortalidade; tendo sofrido leves correções, serão cumulados de grandes bens, porque Deus os pôs à prova e os achou dignos de si. Provou-os como se prova o ouro no fogo e aceitou-os como*

ofertas de holocausto (...). O Senhor reinará sobre eles para sempre. Os que nele confiam compreenderão a verdade, e os que perseveram no amor ficarão junto dele, porque graça e misericórdia são para seus eleitos” (Sb 3,1-6.8b-9).

Enviado pelo Padre Visitador para participar dos funerais do Padre Geraldo em sua terra natal, Campina Verde (MG), juntamente com outros dois Coirmãos, pude deter-me por longas horas diante de seu corpo, contemplando a placidez de seu semblante e deixando passar pela memória do coração o grande legado que Padre Geraldo nos deixou, como homem de Deus, missionário vicentino e sacerdote exemplar. Tantos foram os sentimentos, lembranças e ideias que se sucederam que desisti de resumi-los. Parecia até mesmo impossível traduzir em palavras a originalidade daquele perfil humano talhado nos moldes das virtudes que São Vicente quis imprimir em seus filhos: simplicidade, humildade, mansidão, mortificação e zelo. A hora já estava avançada, quando chegou o pedido para proferir a homilia da última Missa de Exéquias, marcada para a manhã seguinte e primorosamente preparada por nossos seminaristas. Um convite a voltar ao local do velório para contemplar uma vez mais a figura do Padre Geraldo e recolher as inspirações que se irradiam de sua vida agora plenificada pelo Senhor. Três palavras ecoaram do silêncio, desanuviando a densidade do mistério: fé, gratidão e saudade.

1. FÉ, sem a qual a realidade da morte nada mais seria que o trágico fim da existência, desolador absurdo a lançar-nos em pavorosa escuridão. Fé que, solidamente firmada na ressurreição do Senhor, possibilita-nos divisar, ainda que banhados em lágrimas, o luminoso horizonte da vida eternizada pelo amor, a plenitude que o Pai de misericórdia e Deus de toda consolação nos prepara junto de si em seu Reino, *“onde não haverá mais noite, nem se precisará mais da luz da lâmpada, nem da luz do sol, porque o Senhor Deus vai brilhar sobre eles e eles reinarão por toda a eternidade”* (Ap 22,4-5). Fé que nos leva a crer e esperar que, do outro lado da dor e da saudade, todos aqueles que, como Jesus, passaram pelo mundo fazendo o bem (cf. At 10,38), viverão para sempre com ele (cf. 1Ts 4,17), reconciliados, pacificados e transfigurados, refletindo em seus rostos o esplendor da beleza de Deus, por quem anseia o inquieto coração humano (cf. Sl 63,2). Fé que, hoje, nos permite reconhecer o eterno amor do Senhor triunfando sobre o sofrimento, a fragilidade e a morte de nosso Padre Geraldo, enchendo de sentido seus esforços, vivências e lutas, coroando seus méritos e virtudes, introduzindo-o feliz na *“habitação do Céu, feita por Deus mesmo, não por mãos humanas”*. Lá, onde também nós esperamos chegar, quando, *“desfeita nossa tenda terrena”*, pudermos *“habitar junto do Senhor”* (2Cor 5,1.8).

2. GRATIDÃO ao Deus da vida e do amor que nos deu Padre Geraldo como uma nítida transparência de sua bondade e sabedoria, enriquecendo-o de dons e virtudes que ele soube cultivar e fazer florescer com admirável largueza de coração. Gratidão ao Padre Geraldo por sua integridade humana, manifestada em sua capacidade de fazer-se tudo para todos e estar por inteiro em tudo o que fazia, jamais buscando a si mesmo e a seus próprios interesses. Aliás, difícil encontrar pessoa tão verdadeiramente livre, tão desprovida de ambições e tão despretensiosa quanto Padre Geraldo. Gratidão pela profundidade e fineza de sua percepção do mistério de Deus e do ser humano, tantas e tantas vezes comunicada no sacramento da Reconciliação, na orientação espiritual, no exercício paciente da autoridade, na missão de animar, acompanhar e formar, como diretor das Irmãs, formador dos nossos, animador vocacional, visitador, etc. Gratidão pela humildade e simplicidade que definiam e iluminavam sua personalidade, suas relações e seu agir, sempre veraz, discreto, cordial e suave em todos os seus procedimentos. Gratidão por sua disposição, cotidianamente renovada, de nunca pagar o mal com o mal, mesmo quando incompreendido e desconsiderado, sempre incansável em fazer o bem, leal para com Deus, consigo mesmo e com os outros. Gratidão por sua indescritível serenidade, fortaleza interior e alegria de viver, sobretudo quando provado no crisol da dor que lhe dilacerava o corpo, nestes últimos meses de seu calvário. Àqueles que o acompanhavam mais de perto, impressionava sobremaneira como, nele, à medida que o “*homem exterior*” se fragilizava e desvanecia, o “*homem interior*” ia se tornando cada vez mais robusto e vigoroso na fé, na esperança e no amor (cf. 2Cor 4,16). Gratidão, enfim, porque as virtudes que poderíamos enumerar ultrapassariam, certamente, as contas do singelo rosário que lhe puseram nas mãos naquela hora do desenlace final e que agora conservamos como relíquia.

3. SAUDADE, como não senti-la? Como não “sofrer” a “presença da ausência” de uma pessoa tão rica em humanidade, tão laboriosa em sua correspondência aos dons recebidos do alto, tão coerente e feliz em sua opção de vida? Em tempos como o nosso, nesta hora de nossa história, carente de autenticidade, em que nos faltam referenciais verdadeiros, como não sentir falta de alguém tão vigorosamente humano, tão radicalmente evangélico, tão simplesmente doado a Deus e aos outros? Nossa é também a experiência de São Vicente, ao dizer da partida para o Céu de alguns de seus Missionários: “*Quanto mais o tempo passa, mais saudade sentimos...*” (SV IV, 567). Não se trata de simples nostalgia, desprovida de memória, alento e vigor. Mas de uma saudade

revestida de fé e prene de gratidão, uma saudade mobilizadora, que nos leva a perguntar o que temos a aprender da vida do Pe. Geraldo, de suas atitudes e valores, de sua conduta e exemplo, de suas lágrimas escondidas e de sua oferta generosa. Ouvimos no evangelho escolhido para a Eucaristia em que dele nos despedimos: *“Se o grão de trigo que cai na terra não morre, fica só. Mas, se morre, produz muito fruto”* (Lc 12,24). A semente foi lançada, germinou em uma vida feita dom e frutificou para o bem de muitos. Recolhamos, pois, os apelos e inspirações de tudo o que pudemos viver e contemplar ao lado do Padre Geraldo Barbosa, durante seus 68 anos de vida, 42 de vocação vicentina e 38 de ministério presbiteral. Assim, a saudade será para nós lugar de reencontro e impulso de revitalização, porque podemos contá-lo entre aqueles *“cristãos que dão a vida por amor”* e cujo testemunho deve impelir-nos a *“superar o egoísmo para uma dedicação sempre maior”*, como indica o Papa Francisco na *Evangelii gaudium* (n. 76), uma das últimas leituras feitas pelo Padre Geraldo em seu leito e que tanto o encheu de entusiasmo.

Ainda no velório, pela madrugada, em momento de maior silêncio e quietude, dei asas à imaginação e pus-me a pensar como teria sido a chegada de Padre Geraldo ao Céu. Pude vê-lo caminhando a passos ligeiros, como era seu costume, com o rosto sorridente de sempre. O Senhor, então, depois de abraçá-lo, perguntou: *Que fizeste de tua vida, Geraldo?* Ele, com sua habitual humildade, respondeu: *Não consegui fazer grande coisa, Senhor, e o que fiz foi por tua graça.* E o Senhor lhe disse: *Olha para teu coração, Geraldo, e vê a quantos amaste, serviste, ajudaste, aconselhaste, perdoaste. São eles que agora – com fé, gratidão e saudade – estão dizendo o que fizeste de tua vida. Fizeste de tua vida o que aprendeste de mim e ensinaste a muitos, fizeste de tua vida um apelo ao amor! Muito bem, Geraldo, servo bom e fiel, entre depressa e venha participar da alegria do teu Senhor!*

Pe. Vinícius Augusto Ribeiro Teixeira, C. M.
Campina Verde, 4 de abril de 2014.

PADRE GERALDO FERREIRA BARBOSA, C. M.

(05-11-1945 - †04-04-2014)

Mal acordado do susto pela morte repentina e prematura do recém-eleito e empossado, Pe. Manoel Bonfim, C. M., recebemos o comunicado de que também o seu predecessor, já nosso saudoso e querido Coirmão Pe. Geraldo Barbosa nos deixava, para receber o prêmio de servo bom e fiel, na casa do Pai. Nasceu ele em São Francisco Sales, Ariranha, antiga fazenda, tirada do território doado à Província, no Triângulo Mineiro em 1830, pelo piedoso casal. Era território de índios, quando lá chegaram os primeiros missionários. Aceitando o chamado de Deus, fez justiça correspondendo à vocação e foi brilhante filho de São Vicente de Paulo, ali naquele rincão, a serviço da Igreja Católica e da Província Brasileira no Triângulo.

Seus pais: Benevenuto Pereira Barbosa e Ana Cândida Barbosa o batizaram no mesmo dia do nascimento. Família, verdadeiramente, temente a Deus e segura dos deveres cristãos, não regressariam para a roça com o filho pagão. Este precioso rebento serviria de modelo para os demais que iam enriquecer seu lar. Fora crismado ainda criança, com a visita pastoral do Senhor Bispo de Uberaba, ali pelo sertão. Fez estudos primários na escola rural. Concluiu o ginásio em Campina Verde, MG. Daí partiu para os cursos do Seminário do Caraça, célebre educandário mineiro e terminou em Assis, SP. A Teologia foi estudada com os Franciscanos em Petrópolis, RJ. Pronunciou seus Santos Votos em 08-12-1975. Recebeu a ordem do diaconato, nesta data e cidade, das mãos de Dom João Batista Cavati, C. M. O Sacerdócio lhe foi conferido por Dom José Lázaro Neves, C. M., em Campina Verde-MG, em 14-08-1976.

Aí começou sua trajetória presbiteral. Foi Reitor do Seminário São Justino de Jacobis. Em 1984, transferido para São Paulo (capital), como responsável pelos alunos de Teologia. Depois, em 1990 no Seminário de Filosofia e Diretor do Noviciado. Retorna a Campina Verde como Superior do Seminário São Justino de Jacobis. Já em 1993, pelas suas boas qualidades, é escolhido pelo T. H. P. Geral da Congregação da Missão para Diretor das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo para a Província de Minas Gerais. Nesta função ainda ajuda no Instituto São Vicente, no Trevo, e na Paróquia Nossa Senhora de Fátima, em Contagem-MG. Findo seu mandato em 2002, é transferido para a Província das Irmãs no RJ. Dá ajuda ao Colégio São Vicente, no Rio de Janeiro, Santuário do Matoso-RJ e na Casa Provincial. Finda esta tarefa, retorna à sua cidade de Campina Verde,

em 2009. Na Assembleia Provincial de 2010 foi eleito Provincial da PBCM, em outubro.

Três anos passados, combatido por pertinaz enfermidade, retorna a seu torrão natal para cuidar-se melhor, junto de irmãos e parentes nesta cidade e em Barretos-SP. É neste estágio de vida que a irmã morte veio buscá-lo na triste manhã de 04-04-2014. Era pessoa amável e de fino trato. Sempre disponível para todas as solicitações e serviços na Província. Mesmo enfermo e bem debilitado, fez questão de presidir a Assembleia Eletiva de seu sucessor, no célebre Caraça, em 2013. Deu posse ao novo Governo escolhido pelos coirmãos. Só depois de tudo bem acomodado é que foi cuidar de sua doença. Já era tarde.

Irmão gentil e sempre pronto a ajudar e aconselhar. Pregador de retiro para as Filhas da Caridade e Vicentinos, usava o método simples de falar de São Vicente de Paulo com as parábolas e historietas do místico jesuíta Pe. Antony de Melo. Tirava lindas lições. Agradava a todos. Deixa grande vazio e muitas boas recordações. Agora, descansa em paz na luz do Cristo, como servo bom e fiel, a quem tanto amou e serviu.

Paz eterna a este Valente Missionário no cemitério de sua terra natal, Campina Verde-MG.

Pe. Célio M. Dell'Amore, C. M.

Notícias

Assembleia Eletiva da PBCM – 2014



A Assembleia Eletiva da PBCM aconteceu, no dia 4 de abril de 2014, às 9:00h, em segunda convocação, no complexo Santuário do Caraça – Fazenda do Engenho, Município de Santa Bárbara, estado de Minas Gerais.

Foi eleito e empossado pelos associados para o cargo de Superior Provincial ou Visitador, Pe. Geraldo Eustáquio

Mól Santos, com mandato de 4 (quatro) anos, para o período de 5 de maio de 2014 a 4 de maio de 2018.

Para compor o Governo Provincial foram eleitos também para Conselheiros Provinciais:

- Primeiro Conselheiro – Pe. Eduardo Raimundo dos Santos;
- Segundo Conselheiro – Pe. Luís Carlos do Vale Fundão;
- Terceiro Conselheiro – Pe. Agnaldo Aparecido de Paula;
- Quarto Conselheiro – Pe. Sebastião de Carvalho Chaves;
- Primeiro Suplente – Pe. Maurício de Resende Paulinelli;
- Segundo Suplente – Pe. Paulo Eustáquio Venuto.
- Diretor Tesoureiro – Pe. Emanuel Bedê Bertunes, indicado pelo Diretor Presidente eleito e aprovado pela Assembleia.

A seguir, em votação separada foram eleitos e empossados pela Assembleia os seguintes Conselheiros do C.A.E.F., com mandato de 4 (quatro) anos, para o período de 05 de maio de 2014 a 04 de maio de 2018.

- Primeiro Conselheiro – Irmão Admar Francisco de Freitas;
- Segundo Conselheiro – Irmão Adriano Ferreira Silva;
- Terceiro Conselheiro – Pe. Juarez Carlos Soares.
- Conselheiros Suplentes: Pe. Gentil José da Silva, Pe. Wander Ferreira e Pe. Alex Sandro Reis, para primeiro, segundo e terceiro suplentes, respectivamente.

Estágio Missionário

"Servindo aos pobres, servimos a Jesus Cristo na pessoa dos pobres".



Junto às férias da Faculdade tivemos a “Copa das Copas”, pessoas vibrando, contagiando a todos com sua alegria e mostrando seu lado brasileiro. Eis o tempo de missão. Tempo de gritar sem medo, tempo de encontros, de partilhas e de esperanças. Tempo de aprendizado. É necessário ir ao encontro onde falta a esperança e onde o povo tem sede de Deus, onde muitos não querem

estar presente. O Senhor chama-nos a servir, chama pessoas dispostas a colaborar na evangelização daqueles que vivem à margem da sociedade. Então, dos dias 15 de junho a 24 de julho de 2014 estive aos pés do Senhor Bom Jesus, nas margens do Rio São Francisco (carinhosamente chamado por nós de Velho Chico) e na companhia da mãe Soledade em Carinhanha – BA, para mais um estágio missionário na Paróquia São José.

Primeiramente gostaria de recordar o belíssimo trabalho dos coirmãos no início da década de 80 percorrendo as comunidades debaixo de um sol abrasador levando a Boa-Notícia a todos e dando início a um trabalho missionário. Hoje a Igreja vive um novo esplendor, e Carinhanha não está em situação diferente. Quantos fiéis sedentos em busca de Deus, à procura de uma formação sólida, isto é oferecido a todos que ali residem pelos nossos coirmãos. Inúmeros elogios pude ouvir que, nossos coirmãos, Pe. Odinei e Ir. Hélio, não medem esforços para anunciar o Evangelho a todas as pessoas.

Necessitamos criar coragem apostólica e adentrar naquela terra missionária. Sabemos que a palavra “Evangelho” é um nome de ação, movimento e não de estado, significa “anunciar a feliz notícia da Ressurreição de Jesus a todos”. Evangelho significa evangelização, e evangelização implica movimento, comunicação e requer tempo, exige ousadia, forma-



ção, inteligência, entranhas, mãos, suor e coração. Pude experimentar a alegria de ser enviado a todas as pessoas, consciente da prioridade aos mais distantes, aos excluídos, aos jovens, para manifestar-lhes a misericórdia de Deus. Convém recordar o que nos diz o Documento de Aparecida: “*Somos missionários para proclamar o Evangelho de Jesus Cristo e, nele, a boa nova da dignidade humana, da vida, da família, do trabalho, da ciência e da solidariedade com a criação*” (DAp 103).



Além de visitar as comunidades da paróquia tive a alegria de participar da Romaria da Terra e das Águas em Bom Jesus da Lapa – BA, capital baiana da fé juntamente com Pe. Francisco Ermelindo, Diác. Érik e Ir. Hélio. Pe. Odinei e Pe. Gentil também marcaram presença. O evento foi organizado pela Comissão Pastoral da Terra (CPT), tendo como tema: “***Liberar a Terra é defender a Vida!***”. A defesa da mãe terra deve fazer parte daqueles que pertencem à comunidade dos discípulos de Jesus. É preciso entrar na barca de Jesus. É necessário carregar as nossas cruzes... Precisamos ainda ter um compromisso solidário, dar um testemunho da caridade, e devemos nos deixar ser contagiados pela magia e alegria dos romeiros presentes. O ponto auge da romaria foi ir às margens do Rio São Francisco e ali apanhar o lixo que estava em suas margens, retirar a imundície foi um gesto significativo de ressurreição; precisamos dar vida, cuidar das obras que nos foi dada por Deus. Foi isso que vivi nestes dias e pude perceber naquelas terras distantes, mas bem evangelizadas.

Gustavo Alivino Silva, C. M.

Encontro Nacional da PASCOM em Aparecida – SP

Nos dias 24 a 27 de julho, aconteceu na cidade de Aparecida do Norte – SP o 4º Encontro Nacional da Pastoral da Comunicação e o 2º Encontro Nacional de Jovens Comunicadores com o tema: “Comunicação, desafios e possibilidades para evangelizar na era da cultura digital”.

O encontro teve como objetivo articular, animar e motivar a Pascom e os Jovens Comunicadores do Brasil dentro de suas realidades pastorais, paroquiais, movimentos, arquidioceses, congregações e novas comunidades. Bem como trazer uma nova visão da realidade, ressaltando a importância das redes sociais, desafios atuais para toda a Igreja, que deve aproveitar dessas novas oportunidades, vendo-as mais que instrumentos, tendo presente a cultura gerada pelas novas tecnologias que constituem um novo areópago para evangelização.

O encontro contou com a presença do Prof. Dr. Pe. Antônio Spadaro, SJ autor dos livros *Web 2.0 e Cyberteologia*; do Bispo Auxiliar da arquidiocese de Aparecida, Dom Darci José Nicioli; da Dra. Letícia Soberón, membro do Comitê da RIIAL – Rede Informática da Igreja na América Latina, entre outros especialistas na área da comunicação e da pastoral. Também contou com a participação de bispos, presbíteros, diáconos e seminaristas, religiosos e leigos comprometidos ou não com a comunicação, num total de 900 participantes, dentre eles os propedeutas da PBCM: Cleber Teodósio e Ramon Aurélio.

Durante quatro dias intensos de palestras e reflexões, sobre a nova evangelização nos meios de comunicação, fomos motivados a sair e promover a cultura do encontro, como quem se entrega totalmente a uma causa que não se trata apenas de uma rede de fios, mas de pessoas, como disse o Papa Francisco. Foi lançado o convite a comunicarmos com a vida, com as experiências; e sobretudo, com a experiência de fé vivida por cada um.

A Igreja se mostrou interessada no setor da comunicação e está cada vez mais globalizada; no encontro, ficou nítido como ela está se enxergando dentro desta cultura digital e entendeu-se que os canais digitais são uma saída fundamental na práxis missionária. Ficou claro não se deve canonizar a tecnologia - se o uso da mesma não favorecer o encontro de pessoas, se não nos levar a praticar o Mateus 25, há de se refletir se ela vale a pena. Assim, chegamos à conclusão de que a tecnologia digital muda nosso modo de pensar, de evangelizar e de nos relacionarmos com os homens de hoje.

A tecnologia encurta o tempo e o espaço. No mesmo encontro, tivemos a prova dessa afirmativa, quando se fez presente, em tempo real por videoconferência, Dom Cláudio Maria Celli - Presidente do Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais no Vaticano, que entre as muitas colaborações, lembrou o que disse o Papa Francisco em sua mensagem pelo 48º Dia Mundial das Comunicações Sociais, sobre uma realidade que nós comunicadores temos que levar em conta à hora de evangelizar: “a Igreja não cresce por meio de proselitismo, mas por atração”.

Durante o curso tivemos muitos momentos de partilha, e participamos de algumas oficinas propostas pela comissão organizadora do encontro.

O evento contou com uma Noite Cultural na TV Aparecida, que foi transmitida, ao vivo, pelas principais TVs Católicas do País, onde foram entregues estatuetas em homenagem aos grandes meios de comunicações da Igreja do Brasil, e, oportunamente, prestamos, na pessoa de Dom Darci, uma homenagem especial ao grande pequeno Pe. Zezinho, SCJ, por seu legado como padre, músico, poeta, comunicador e testemunho de vida.

Concluindo o evento, os representantes da Pascom e os jovens apresentaram os desafios encontrados, além de sugestões e avanços dentro da atuação nas dioceses e regionais da CNBB.

“Se a nossa pastoral não é missionária não é pastoral e para ser uma pastoral digital deve se transformar num apostolado”, com esta afirmação, o consultor do Pontifício Conselho para as Comunicações e diretor da revista *Civiltà Cattolica*, padre Antônio Spadaro, fez a conclusão do 4º Encontro Nacional da Pascom e 2º Seminário Nacional de Jovens Comunicadores, e apontou o caminho para uma comunicação eficaz com o outro: o ardor missionário e o testemunho de Jesus Cristo.

Por fim, na solenidade de encerramento, bispos, padres, religiosos e todos os comunicadores confiaram à Virgem Maria a sua missão como anunciadores do Reino de Deus.

Cléber Teodósio e Ramon Aurélio, do Instituto São Vicente de Paulo

Mudança de Estruturas



Foi realizado nos dias 30/04 a 05/05, em Joboatão dos Guararapes, (Pe), o XIII Encontro da Família Vicentina, tendo como tema: **‘Audácia da Caridade como compromisso na Missão’** e como lema: **‘A Mudança é possível’**. Representando a PBCM fora os padres Agnaldo, Luís Veras e Alex Sandro.

A dinâmica do encontro foi a partir do livro Sementes da Esperança, onde os ramos refletiram as quatro estratégias: **Estratégias orientadas para a Missão; para as Pessoas; para as Tarefas e para a Corresponsabilidade, formação de Redes de Relacionamento e a Ação Política.**

Com o desenrolar do encontro, algumas perguntas foram sendo colocadas:

- Com a estrutura social que está aí, terão possibilidades de sair da situação de pobreza e miséria aqueles que aí se encontram?
- Tal estrutura social entra em harmonia com a nossa destinação (‘a serviço dos pobres’)? Ela é nossa parceira no trabalho de libertação do pobre de tal situação?
- Cada ramo está se empenhando através de recursos humanos e financeiros para investir diretamente aos pobres com projetos que os levem a uma libertação e à uma vida digna?
- Reescrever uma nova sociedade, a partir da justiça e da igualdade sociais, é possível?



Cada grupo reuniu-se para partilhar a adesão e ações que estão desenvolvendo segundo o programa Mudança de Estruturas. E, como ponto prático, cada regional da FV elaborou um calendário para ir às regiões e repassarem o Encontro e criarem ações de implementação do Programa.

O Encontro terminou com esperança e entusiasmo de que a Mudança é Possível; mas terminou com sentimentos de inquietação, pois o percurso não é fácil, é um longo caminho a percorrer.

RETIRO ESPIRITUAL DA COMUNIDADE DO PROPEDÊUTICO

Temos a grata satisfação de comunicar-lhes que nos dias 09, 10 e 11 de maio de 2014, nós, os propedêutas e o formador da Comunidade do Instituto São Vicente de Paulo, realizamos nosso primeiro retiro do ano no Santuário Nossa Senhora Mãe dos Homens, no Complexo Santuário do Caraça-MG.

O retiro foi orientado pelo Pe. Getúlio Mota Grossi, CM, que com disponibilidade e esforço, devido ainda estar se recuperando de um acidente doméstico, levou-nos a meditar, de forma profunda e concreta, sobre a importância da Fé e da Oração na vida do Missionário Vicentino, tomando como exemplo o próprio Cristo Jesus e São Vicente de Paulo, que chegou à conclusão de que a oração capacita o homem para o impossível ao dizer: *“Dai-me um homem de oração e ele será capaz de tudo.”* (SV XI,83).

Segundo o Pe. Getúlio: *“A nossa vida é fundamentalmente fraca. Somos seres radicalmente precários que vivemos em meio às diversas crises. Rezamos, isto é, fazemos preces, porque somos precários e finitos”*.

Foram momentos singulares, de grande contato com Deus por meio das meditações propostas e temas abordados. O local favoreceu muito o tempo de deserto, possibilitando-nos um encontro com o Criador por meio da beleza natural que circunda aquele belo “pedaço de céu”.

O Santo Padre, o Papa Francisco, na Missa do dia 04/05/2013, na Casa Santa Marta, ao falar sobre a oração, disse: *“A oração ao Pai em nome de Jesus faz-nos sair de nós mesmos; a oração que nos entedia está sempre dentro de nós mesmos, como um pensamento que vai e vem. Mas a verdadeira oração é sair de nós mesmos rumo ao Pai em nome de Jesus, abrindo-nos às necessidades dos outros, é um êxodo de nós mesmos”*.

O nosso retiro teve o seu cume com a Celebração Eucarística, presidida pelo Pe. Juarez Soares, CM, concelebrada pelo Pe. Getúlio, com a nossa participação e dos demais peregrinos presentes naquele local, dando maior ênfase as mães que ali se encontravam por ocasião da comemoração do seu dia.

Pela Comunidade do Instituto São Vicente de Paulo,
Thiago Henrique Vieira de Oliveira

IX Encontro da Família Vicentina – Regional do Rio de Janeiro



Aconteceu no Colégio São Vicente de Paulo, dia 18 de maio, o Encontro Regional da Família Vicentina com a participação de 690 pessoas, membros da Sociedade de São Vicente de Paulo, Associação Internacional de Caridades, Filhas da Caridade, Irmãs de Gysegem, Congregação da Missão, Juventude Mariana Vicentina, Missionários Seculares Vicentinos e Associação da Medalha Milagrosa. Este evento tem como objetivo principal o fortalecimento dos laços de fraternidade entre aqueles que se dedicam a seguir Jesus Cristo, evangelizador dos pobres, iluminados pela vida e missão de São Vicente de Paulo. Em sintonia com o Encontro Nacional da Família Vicentina, ocorrido nos primeiros dias de maio deste ano em Recife (PE), o tema escolhido foi “*Audácia da Caridade como compromisso na Missão*”. As principais atividades desenvolvidas para a concretização do objetivo proposto foram: a celebração eucarística, momento de formação, oficinas, partilha de experiências, de vida e do pão. Organizado pela coordenação regional da Família Vicentina este encontro, em sua nona edição, tem se tornado uma realidade graças a generosa disponibilidade de dezenas de voluntário(a)s, aos quais dirigimos nosso sincero agradecimento. Agradecemos à PBCM, mantenedora do Colégio São Vicente de Paulo e, também, ao Coral Nossa Senhora Mãe do Redentor que neste ano participou da animação litúrgica.

Neide, José do Carmo, Ir. Rizomar, Pe. Agnaldo (Coord. FV-RJ)

Caminhada do SAVV-PBCM: Encontro Vocacional Vicentino.



Iluminados pela esperança de que Deus sempre desperta mais jovens para a missão vicentina realizamos mais um Encontro Vocacional, nos dias 24 e 25 de Maio de 2014, no Instituto São Vicente de Paulo, em Belo Horizonte – MG. Contamos com a presença de oito jovens: Wender (Itabira-MG), Daniel (São Paulo-SP), Alex (Pará de Minas-MG), Jardel (Divinópolis-MG), Túlio (Cabo Frio-RJ), Sávio (Brasília-DF) Éverton (Mateus Leme-MG), Wallas (Santa Fé de Goiás-GO).



O encontro teve início no sábado pela manhã, dia 24/05, com uma dinâmica de apresentação e um momento de espiritualidade coordenado pela Ir. Ana Rocha, que logo em seguida trabalhou com os vocacionados o conteúdo de Formação Humana. Em seguida, o Ir. Adriano fez uma bela e profunda reflexão sobre a “Vocação e o Chamado de Deus”. Após o almoço, a psicóloga Marisa continuou com os trabalhos de Formação Humana. No final da tarde, o Pe. Vinícius refletiu muito bem o tema: “São Vicente, Seguidor de Jesus”. À noite aproveitamos o tempo para iniciar os atendimentos pessoais dos jovens, intensificando as conversas pessoais e entrevistas. Marisa aplicou os testes de avaliação psicológica; Ir. Ana Rocha fez entrevistas na linha da História Familiar. Pe. Francisco e Pe. Onésio e eu continuamos os atendimentos na perspectiva das motivações vocacionais e orientação espiritual.

No domingo, dia 25/06, Pe. Onésio conduziu, com muita sabedoria e zelo, uma manhã de espiritualidade sobre o discernimento vocacional, para o “Jovem ser seguidor de Jesus na Congregação da Missão”. Às 11:00h celebramos a Eucaristia de encerramento, presidida, com bastante zelo e atenção, pelo Visitador Provincial, Pe. Geraldo Mól. Gostaria de ressaltar, como sempre, a acolhida do Instituto São Vicente de Paulo nas pessoas do Pe Juarez, Pe. Sebastião e Seminaristas. Todos prepararam a casa com muito zelo!

Sigamos com alegria e esperança no trabalho do SAVV. Neste II Semestre, muitas visitas para fazer, vários encontros na perspectiva vocacional com a juventude e graças a Deus, muita saúde, disposição e animação para todos, experimentando uma verdadeira cultura vocacional entre nós!

Pe. Alexandre, C. M. - SAVV- PBCM.

Votos Perpétuos de Hélio Correia Maia, C. M.



No dia 2 de abril de 2014, na Fazenda do Engenho, Santa Bárbara, Hélio Correia Maia fez os votos perpétuos entregando-se definitivamente ao serviço dos Pobres na Congregação da Missão. Este jovem, filho de Ouro Preto, tornou-se motivo de alegria para toda a PBCM na entrega total de sua vida ao seguimento de Jesus Cristo. Que sua entrega, Ir. Hélio, seja fortalecida pelas orações de seus coirmãos, amigos e familiares. Parabéns, que Deus o abençoe hoje e sempre.

Agradecimento:



Queremos agradecer ao Pe. Eli Chaves, C. M., Assistente Geral da Congregação da Missão, por nos ter brindado com um excelente momento de formação permanente na Fazenda do Engenho, antes da Assembleia Provincial Eletiva. Estamos certos de que suas palavras contribuíram para o nosso despertar apostólico e missão, como discípulos e missionários de Jesus em uma Igreja que sai de si mesma para ir ao encontro do outro. Muito obrigado, Pe. Eli Chaves, C.M.

Comunidade do Propedêutico 1º Semestre

A etapa de formação do Propedêutico da PBCM está acontecendo no Instituto São Vicente de Paulo – ISVP e tem como Superior o Pe. Juarez Carlos Soares, CM.

O pontapé inicial foi dado aos sete de fevereiro, com a celebração eucarística presidida pelo Visitador Provincial Pe. Geraldo Eustáquio Mól Santos, CM; dia em que, como família vicentina, celebramos Rosalie Randu. Devido à Copa do Mundo, o primeiro semestre de 2014 concluiu-se aos nove de junho.

O Propedêutico tem como formadores os Padres Juarez Carlos Soares, CM e Sebastião Carvalho Chaves, CM. Os estudantes são de diferentes lugares do país, a saber: Alexandro Geraldo Valadares (Santa Bárbara – MG), Cleber Fábio Oliveira Teodosio (Fortaleza – CE), Erlison Santos de Jesus (Rio Real – BA), Gilson Fernandes Almeida (Mauá – SP), Michel Araújo Silva (Bambuí – MG), Ramon Aurélio Júnior da Cunha (Santos Dumont – MG) e Thiago Henrique Vieira de Oliveira (Capitão Enéas - MG).

A formação é realizada internamente, com aulas nos períodos matutino e vespertino, e tem as seguintes disciplinas e professores: Introdução a Filosofia e Metodologia do Trabalho Científico – Ir. Adriano Ferreira, CM, Doutrina Cristã – Pe. Juarez Soares, CM, Diretrizes Básica da Formação da PBCM – Pe. Vander Ferreira, CM, Acompanhamento Psicológico Grupal – Marisa, Língua Portuguesa – Daniela, Introdução à Espiritualidade e à Pastoral – Pe. Alexandre Nahaas, CM, Francês – Elisabeth Guesnier, Iniciação a São Vicente – Pe. Vinícius Teixeira, CM, Introdução à Liturgia e à Sagrada Escritura – Pe. Luiz Carlos, CM.

Além da parte acadêmica os estudantes exercem o ministério pastoral de finais de semana nas Comunidades de Santa Rosa de Lima – Paróquia São Francisco; Humaitá – Paróquia Pio XII; Santo Antônio, Nossa Senhora das Graças e Nossa Senhora Aparecida – Paróquia Pai Misericordioso. A prática pastoral também se fez real na Missão de Semana Santa realizada no Curato Nossa Senhora das Graças (Santa Bárbara), na Paróquia Pai Misericordioso (Belo Horizonte) e na Paróquia Nossa Senhora de Lourdes (Vespasiano).

Somado às atividades acima mencionadas, os estudantes são co-autores do processo formativo quando participam com voz ativa nas reuniões periódicas de avaliação e planejamento comunitário, dos grupos associativos como o EREV – Encontro Regional de Estudantes Vicentinos e Encontros Intercongregacionais realizados pela Conferência dos Religiosos do Brasil, o Postulinter.

Pela Comunidade do Instituto São Vicente de Paulo,
Cléber Fábio Oliveira Teodósio